



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS**

CRISTINA CUNHA DA COSTA FREIRE

**A PRESENÇA DO PORTUGUÊS ARCAICO EM VARIANTES LINGUÍSTICAS DO
NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE TEXTOS
ARCAICOS E A FALA DE HABITANTES DO INTERIOR DA CIDADE BARRA DE
SANTANA- PB**

**CAMPINA GRANDE
2023**

CRISTINA CUNHA DA COSTA FREIRE

**A PRESENÇA DO PORTUGUÊS ARCAICO EM VARIANTES LINGUÍSTICAS DO
NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE TEXTOS
ARCAICOS E A FALA DE HABITANTES DO INTERIOR DA CIDADE BARRA DE
SANTANA- PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras - Português.

Área de concentração: Linguística Histórica; sociolinguística.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F863p Freire, Cristina Cunha da Costa.

A presença do português arcaico em variantes linguísticas do nordeste brasileiro [manuscrito] : uma análise comparativa entre textos arcaicos e a fala de habitantes do interior da cidade Barra de Santana - PB / Cristina Cunha da Costa Freire. - 2023.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão, Departamento de Letras e Artes - CEDUC. "

1. Português arcaico. 2. Variantes linguísticas. 3. Léxicos.
4. Nordeste brasileiro. I. Título

21. ed. CDD 417.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

FOLHA DE APROVAÇÃO

CRISTINA CUNHA DA COSTA FREIRE

A PRESENÇA DO PORTUGUÊS ARCAICO EM VARIANTES LINGUÍSTICAS DO
NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE TEXTOS
ARCAICOS E A FALA DE HABITANTES DO INTERIOR DA CIDADE BARRA DE
SANTANA- PB

Trabalho de Conclusão de Curso em
Letras Português da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de Graduado
em Licenciatura Plena em Língua
Portuguesa.

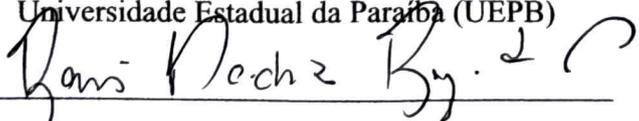
Área de concentração: Linguística
Histórica; sociolinguística.

Aprovado em: 14/06/2023

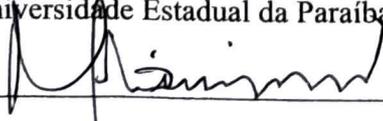
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Ranieri Machado Bezerra de Mello
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Marcelo Vieira da Nóbrega
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus familiares, especialmente minha mãe e meus avós, amigos e colegas, dedico.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - alevantar e alinpar/alimpar.....	17
Quadro 2 - ajuntava.....	18
Quadro 3 - alumea/alumiar/alumiava.....	18
Quadro 4 - asseentado/assentada.....	19
Quadro 5 - buliçosos/buliçoso.....	20
Quadro 6 - derradeyra/derradeira.....	20
Quadro 7- queentura/quentura.....	20
Quadro 8 - donde.....	21
Quadro 9 - fastio.....	21
Quadro 10 - naceu.....	22
Quadro 11 - minino.....	23
Quadro 12 - pidir.....	23
Quadro 13 - melhor.....	24

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2 DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA À SOCIOLINGUÍSTICA: UMA BREVE DISCUSSÃO.....	8
3 BREVE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO NORDESTE.....	11
4 DESCRIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA: TEXTOS ARCAICOS E DADOS DAS ENTREVISTAS.....	15
5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CORPORA.....	17
5.1 Verbos protéticos de primeira conjugação.....	17
5.2 Formações sufixais populares.....	20
5.3 Arcaísmo ou brasileirismo? Traços fonéticos aproximativos e outras questões.....	21
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

A PRESENÇA DO PORTUGUÊS ARCAICO EM VARIANTES LINGUÍSTICAS DO NORDESTE BRASILEIRO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE TEXTOS ARCAICOS E A FALA DE HABITANTES DO INTERIOR DA CIDADE BARRA DE SANTANA- PB

THE PRESENCE OF ARCHAIC PORTUGUESE IN LINGUISTIC VARIANTS IN THE BRAZILIAN NORTHEAST: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN ARCHAIC TEXTS AND THE SPEECH OF INHABITANTS FROM THE INTERIOR OF THE CITY BARRA DE SANTANA-PB

Cristina Cunha da Costa Freire¹
Rinaldo José de Andrade Brandão²

RESUMO

O português brasileiro apresenta um amplo leque de variantes linguísticas. Analisá-las, a fim de compreender as suas particularidades, requer a observação do contexto social, econômico e regional no qual estão inseridas. No Nordeste, filólogos como Marroquim (1934) indicam que há uma relação entre as variantes linguísticas e o contexto histórico da colonização dessa região: a fala de alguns nordestinos pode resguardar vestígios do português arcaico, devido ao isolamento dos colonos nas terras nordestinas. Assim, este trabalho objetiva investigar a hipótese da permanência de vestígios do português arcaico na oralidade de habitantes do Nordeste, a partir da comparação entre os léxicos de textos arcaicos e a fala de moradores de uma zona rural da cidade de Barra de Santana, na Paraíba. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa bibliográfica comparativa a uma pesquisa de campo. Para tanto, analisaram-se as obras *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950), produzidas entre o século XIV e XV, para a coleta dos léxicos. Posteriormente, gravaram-se entrevistas com dois moradores do interior de Barra de Santana. Como referências teóricas, utilizou-se as contribuições de Chagas (2013), Martelotta (2013), o supracitado Marroquim (1934), Guaracy (2015) entre outros. A partir da análise comparativa entre os textos arcaicos e as entrevistas, foram encontrados catorze vocábulos em compatibilidade, constatando a presença de vestígios arcaicos na fala de nordestinos, particularmente na região pesquisada.

Palavras-Chave: português arcaico; vestígios; léxicos; Nordeste.

ABSTRACT

Brazilian Portuguese has a wide range of linguistic variants. Analyzing them, in order to understand their particularities, requires observing the social, economic and regional context in which they are inserted. In the Northeast, philologists such as Marroquim (1934) indicate that there is a relationship between the linguistic variants and the historical context of the colonization of that region: the speech of some Northeasterners may preserve vestiges of archaic Portuguese, due to the isolation of the settlers in the Northeastern lands. Thus, this work aims to analyze the hypothesis of the permanence of traces of archaic Portuguese in the orality of inhabitants of the Northeast, from the comparison between the lexicons of archaic texts and the speech of residents of a rural area of the city of Barra de Santana, in Paraíba. In

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras - Português pela UEPB. E-mail: cristinafreire81@gmail.com

² Prof. Dr. titular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: rinaldo671980@servidor.uepb.edu.br

this sense, a bibliographical research comparative to a field research was carried out. For that, the works *Orto do Esposo* (1956) and *Boosco Deleitoso* (1950), produced between the fourteenth and fifteenth centuries, were analyzed for the collection of lexicons. Subsequently, interviews were recorded with two residents of the interior of Barra de Santana. As theoretical references, the contributions of Chagas (2013), Martelotta (2013), the aforementioned Marroquim (1934), Guaracy (2015) among others were used. From the comparative analysis between the archaic texts and the interviews, fourteen words were found in compatibility, confirming the presence of archaic traces in the speech of Northeasterners, particularly in the researched region.

Keywords: archaic portuguese; trace elements; lexicons; Northeast.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sabe-se que qualquer língua está sujeita à mudança, em função das necessidades comunicativas dos indivíduos. Ao analisar-se o uso da língua portuguesa no Brasil nos últimos séculos e compará-lo ao uso de Portugal, por exemplo, é possível inferir a existência de um português europeu e um brasileiro. E no interior deste há uma pluralidade de variantes linguísticas, que sofrem influência de fatores sociais, econômicos e regionais. No Nordeste, Marroquim (1934) indica que há uma relação entre as variantes linguísticas e o contexto histórico da colonização dessa região. Especificamente, sustenta-se a hipótese de que a fala de alguns habitantes do Nordeste resguarda resíduos do português arcaico, trazido pelos colonos que se estabeleceram e se isolaram nas terras da região.

Assim, este trabalho tem o objetivo de analisar a hipótese da permanência de vestígios do português arcaico na fala de habitantes do Nordeste, a partir da comparação entre os léxicos dos textos arcaicos *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950) e a fala de moradores de uma zona rural da cidade de Barra de Santana, na Paraíba. Nesse sentido, realizou-se uma pesquisa bibliográfica comparativa a uma pesquisa de campo. Em uma perspectiva metodológica, analisaram-se, primeiramente, as obras *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950), produzidas entre o século XIV e XV, a fim de coletar os hipotéticos arcaísmos. Posteriormente, foram gravadas entrevistas com dois habitantes do interior de Barra de Santana, no cariri paraibano.

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: primeiramente, realizam-se algumas ponderações metodológicas sobre a pesquisa e explicita-se o seu objetivo. Posteriormente, inicia-se a fundamentação teórica abordando o “declínio” da Linguística Histórica no século XX, devido ao rompimento causado pelos estudos saussurianos, que situou os estudos diacrônicos em um lugar de pouca relevância e não abarcou os fatores externos em suas análises, assim como fizeram os estudos gerativistas. Entretanto, na metade do século XX surge a Sociolinguística, desenvolvimento da antiga dialetologia, corrente que, diferentemente da teoria saussuriana e gerativista, não exclui os fatores externos ao estudar a língua, mas os situa em uma posição de destaque. Assim, é possível perceber uma relação entre a Sociolinguística e a Linguística Histórica, pois ambas englobam fatores como história e mudança linguística em suas análises, e essa relação pode impulsionar o surgimento de novos estudos.

Em seguida, aborda-se o processo de colonização no Nordeste, no qual ocorreu um isolamento populacional no interior, nos engenhos de açúcar e acarretou a transmissão da língua portuguesa arcaica aos descendentes dos colonos e uma imposição aos escravizados. Assim, sustenta-se a hipótese de que esse isolamento do português (sujeito e língua) trouxe efeitos para a fala do nordestino a longo prazo, isto é, permanecem resquícios da língua portuguesa arcaica em variantes linguísticas da região. Posteriormente, centralizando-se nessa

hipótese da existência de vestígios do português arcaico na fala de nordestinos, analisa-se, de forma comparativa, os fragmentos dos textos arcaicos *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950) e trechos de entrevistas com habitantes de uma zona rural da cidade de Barra de Santana.

Em seguida, explicitam-se as considerações finais. Nessa etapa do artigo, ressaltam-se os resultados da análise comparativa entre os textos arcaicos e a fala dos entrevistados do interior da cidade de Barra de Santana. Além disso, foi discutida a importância do professor de língua materna no combate ao preconceito linguístico, explicitando para os discentes a não pertinência dos discursos sobre as variantes linguísticas da região Nordeste serem erros ou invenções dos falantes, pois o uso de diversos vocábulos presentes nessas variantes possui explicações históricas.

2 DA LINGUÍSTICA HISTÓRICA À SOCIOLINGUÍSTICA: UMA BREVE DISCUSSÃO

Ao se abordar a Linguística Histórica, é plausível destacar que sua análise se volta para o desenvolvimento histórico das línguas, observando, por exemplo, quais mudanças elas perpassam no decorrer do tempo. Até o final do século XIX, esse era o ramo da linguística que predominava nas investigações dos estudiosos. Entretanto, no início do século XX, o linguista Ferdinand de Saussure, a partir do *Curso de Linguística Geral* (1916), propõe uma abordagem que desassocie língua e história, perspectiva inédita para os estudos da época e que explica o título de “pai” da linguística moderna atribuído ao suíço:

Como a linguística anterior a ele tinha cunho quase unicamente histórico, utilizando o chamado método histórico-comparativo, a posição de Saussure representou uma grande ruptura ao destacar de modo incisivo não só a possibilidade mas a necessidade de estudar os fatos linguísticos sem qualquer correlação com sua história. (CHAGAS, 2013, p. 147)

Desse modo, é notório que Saussure faz uma opção metodológica em prol da sincronia, ou seja, prioriza um estudo que desconsidera os fatores históricos na investigação de um dado momento da evolução de uma determinada língua (MARTELOTTA, 2013). Assim, o suíço visa a análise de como os elementos internos da língua se inter-relacionam, e não abarca os fatores externos nesse estudo.

Nota-se que, por anos, predominou a concepção saussuriana de língua, na qual ela é uma estrutura homogênea, um conjunto de regularidades que obedece a leis internas. Desse modo, na descrição de uma língua não era necessário levar em conta os elementos linguísticos em variação ou em mudança e nem a contribuição do social para a ocorrência desses dois fenômenos (CHAGAS, 2013)

Nesse sentido, torna-se visível a existência de uma consequência nesse rompimento com a Linguística Histórica efetuado pelo estruturalismo: Saussure situou o estudo diacrônico³ em uma posição pouco relevante, fato que propiciou uma paralisação ou, ao menos, uma intensa redução desse tipo de estudo por parte dos linguistas. Essa exclusão do diacrônico suscitada pela perspectiva saussuriana é mencionada por Marcos Bagno nas páginas iniciais da nova tradução do “Curso de Linguística Geral”. Nessa obra, este linguista destaca que:

³ Na perspectiva saussuriana, o estudo diacrônico diz respeito à análise de um dado momento da evolução histórica de uma determinada língua, comparando-o com momentos anteriores e posteriores no tempo. (MARTELOTTA, 2013)

[...] a linguística histórico-comparativa se tornara objeto de anátema e precisou se exilar - levando consigo o imenso volume de conhecimento acumulado durante todo o século XIX - em longínquas periferias dos estudos da linguagem, acusada de difundir a prática da diacronia, um vício que o estruturalismo em sua obsessão sincrônica mal podia tolerar. (SAUSSURE, 2021, p. 14)

Além do estruturalismo saussuriano, uma outra teoria linguística que não colocou a diacronia em uma posição de destaque foi o Gerativismo, iniciado por Noam Chomsky. Essa corrente teórica nasce na metade do século XX e surge como uma “resposta” ao estruturalismo americano, que tinha uma concepção de língua mecanicista, na qual o indivíduo a aprendia através da imitação. Na perspectiva chomskyana, os falantes de uma língua apresentam criatividade ao utilizá-la e o conhecimento dela está armazenado na mente.

Além disso, Chomsky também realiza uma distinção entre gramática e língua. A primeira é vista como o saber que cada indivíduo possui acerca do seu idioma. Já a segunda, a língua, é vista por Chomsky como um “objeto” social. Nessa distinção, o norte-americano faz uma opção metodológica em prol da gramática, assim como Chagas (2013) destaca. Nesse sentido, é notória que a perspectiva estruturalista e gerativista não vislumbra relacionar a língua aos fenômenos como a variação linguística e mudança linguística.

Em contrapartida a essas concepções teóricas, surge uma outra corrente na metade do século XX: a Sociolinguística. A divergência com os estudos saussurianos e chomskyanos está no fato de que a Sociolinguística não exclui os fatores externos ao estudar a língua, mas os situa em uma posição de destaque. Segundo Mollica e Braga (2003), a Sociolinguística “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. (Apud MARTELOTTA, 2013, p. 39).

A posição relevante dada aos fatores externos pode ser percebida nitidamente na Sociolinguística Variacionista, fundada por William Labov, por volta de 1960. Nessa perspectiva teórica, os objetos principais são a variação e a mudança linguística e esses dois fenômenos são relacionados a fatores externos: à sociedade e à história. Assim, é perceptível um diálogo entre a Sociolinguística e a Linguística Histórica, pois em ambos os estudos a história é abarcada.

Ademais, nota-se que há uma intrínseca relação entre os estudos sociolinguísticos - especificamente acerca da variação - e o fenômeno da mudança linguística. Na concepção de Labov, todas as línguas apresentam variação e essa é a “agente” que pode acarretar mudança. De acordo com Coseriu (1979 apud CHAGAS, 2013), esse fenômeno (mudança linguística) ocorre porque as línguas nunca estão prontas e sempre necessitam serem “reformuladas”. Os falantes fazem essa “recriação” da língua a cada geração ou até mesmo a cada ato de fala. Nesse sentido, apreende-se que uma língua muda em função das diferentes necessidades comunicativas que os falantes possuem em diferentes contextos e épocas.

As sociedades mudam e, evidentemente, as línguas acompanham essas transformações, não permanecendo estáticas:

[...] Ora, os homens evoluem e mudam suas concepções acerca do mundo em que vivem, que, conseqüentemente, acaba mudando com eles. É natural, portanto, que o homem modifique sua forma de falar sobre esse mundo e isso acaba motivando as mudanças estruturais que as línguas sofrem com o passar do tempo. Em outras palavras, as línguas se adaptam aos novos tempos. (MARTELOTTA, 2013, p. 24)

Entretanto, em paralelo a essa ampla possibilidade de mudança a que as línguas estão sujeitas, é válido ressaltar que elas também estão alicerçadas em uma tradição, pois os falantes constroem enunciados de determinado modo porque, geralmente, os dizeres são

proferidos tradicionalmente daquela forma. Assim, é perceptível que as línguas estão sujeitas a uma continuidade e a inovações.

Ainda acerca da concepção variacionista, ressalta-se o preceito de que toda mudança pressupõe variação, isto é, a mudança só ocorre após a língua passar por um período em que há variação, no qual há coexistência de uma ou mais variantes. Nesse cenário, há uma passagem da predominância da variante mais velha para a predominância de uma variante mais nova, até que aquela seja substituída completamente.

Esse processo de passagem de variante mais velha para a predominância de um variante mais nova é exemplificado por Chagas (2013) a partir das formas “tu” e “você” do português brasileiro. Percebe-se que, inicialmente, apenas a forma “tu” existia, mas posteriormente surge “você” como concorrente. Em algumas regiões brasileiras, a mudança já está finalizada, pois o pronome “tu” foi completamente substituído pelo “você”, mas em outras regiões, ainda há a variação entre essas duas formas. Na região Nordeste, por exemplo, em paralelo a forma “você”, é perceptível o amplo uso da forma “tu”. Entretanto, destaca-se que, quando se usa “tu”, não se realiza concordância com o verbo de segunda pessoa, mas de terceira. Nesse sentido, nota-se que nesse processo de mudança, há sempre uma fase intermediária de variação, na qual as formas concorrem. Assim, não há um “salto” de uma fase na qual só se utilizava a forma “tu” para outra em que só se utiliza “você”.

Ao refletir-se sobre a origem de uma mudança linguística, Chagas (2013) destaca que ela pode ser pensada a partir de duas possibilidades. A primeira refere-se à ação de um ou mais elementos externos à língua e ao contexto social no qual ela se insere. Essa situação ocorre quando uma língua entra em contato com outra. A língua latina, por exemplo, foi fixada nas diversas regiões do Império Romano e essa implantação viabilizou que ela entrasse em contato com diversas línguas. Esse contato acarretou transformações no latim de cada região, fato que causou distinções no falar dos usuários das diferentes regiões.

Do ponto de vista da linguística histórica, esse tipo de contato entre as línguas é chamado de camadas linguísticas. Chagas (2013) discorre que, ao se analisar duas línguas, A e B e se tomar a língua A como ponto de referência, surgem três probabilidades. Caso a língua B seja falada em determinada região, mas falantes da língua A passem a habitar nesse local e, conseqüentemente, essa língua se sobrepõe à B, infere-se que a língua B é o substrato da língua A. Caso a língua A seja falada em uma determinada região e nessa ocorra a introdução da língua B, mas a língua A continua sendo usada, infere-se que a língua B é superstrato da língua A. Caso as línguas A e B sejam faladas em regiões bem próximas e B influencie de algum modo a língua A, infere-se que a B é um adstrato de A.

Ressalta-se também que a mudança linguística não é acarretada apenas pelo contato entre diferentes línguas. Ela também pode ser desencadeada por fatores internos à língua e à comunidade na qual essa língua é falada. Na língua latina clássica, por exemplo, os vocábulos tinham uma ordem livre, pois as funções sintáticas das palavras eram indicadas pelas desinências. Desse modo, a posição em que as classes de palavras surgiam na oração tinha pouca relevância. Entretanto, quando vários sons finais somem no latim vulgar, ocorre também o desaparecimento das desinências de caso. Assim, a função sintática passa a ser indicada pela ordem mais rígida dos termos da oração e pelo uso mais abrangente das preposições que passam a caracterizar novas funções sintáticas. Nessa situação, há uma relação entre um fator estritamente linguístico, isto é, a perda de distinções no final das palavras, e uma mudança no sistema linguístico, isto é, a obrigatoriedade de os vocábulos terem uma ordem mais rígida na oração (CHAGAS, 2013).

Ainda sobre o fenômeno da mudança, destaca-se também que a sua propagação dentro de uma sociedade não ocorre rapidamente. Nota-se que, geralmente, as inovações linguísticas não são recebidas de forma positiva. Assim, percebe-se que a propagação das mudanças linguísticas apresenta um certo padrão de velocidade porque as inovações linguísticas passam

por um período de resistência. De acordo com Chagas (2013), esse padrão de velocidade da mudança é chamado de *curva em S*: ela apresenta uma velocidade lenta no início, torna-se veloz na metade e perde velocidade no final. Assim, apreende-se que formas não surgem na língua de modo repentino, mas seguem um fluxo próprio.

A partir desse panorama feito acerca da Linguística Histórica, Estruturalismo, Gerativismo e Sociolinguística, é possível fazer algumas ponderações. Primeiramente, ressalta-se que o surgimento da abordagem saussuriana no século XX rompeu os estudos da Linguística Histórica, fato que desencadeou transformações curriculares no meio acadêmico, restringindo o ensino de latim, filologia românica e português histórico aos cursos de Letras. Além disso, é válido salientar também que mesmo nesses cursos, as disciplinas relacionadas a essa área são restritas e que muitos alunos iniciam tais cursos questionando o porquê de estudar tais componentes curriculares. Entretanto, tal dúvida é solucionada no decorrer do curso, pois o graduando percebe que tais componentes são importantes para um conhecimento pleno do percurso da língua portuguesa.

Destaca-se também que, nas últimas décadas, o distanciamento em relação à linguística de cunho diacrônico, impulsionado pelas reflexões saussurianas no século XX, está sendo rompido. Nota-se que a Linguística Histórica está sendo retomada e a relação entre ela e a Sociolinguística, estabelecida ao abarcarem fatores como história e mudança linguística em suas análises, pode impulsionar o surgimento de novos estudos.

Além disso, enfatiza-se que mudança e variação linguística estão intimamente relacionadas, pois a primeira só ocorre em razão da existência da segunda: para a ocorrência de mudança faz-se necessária a presença de variação. Essa última é um fenômeno ao qual todas as línguas estão sujeitas. Ao se analisar a situação linguística do Brasil, por exemplo, é perceptível a presença de diversas variantes linguísticas. Dentre essas variantes, nota-se que as da região Nordeste são menos prestigiadas por falantes mais conservadores e alvos de preconceito. Entretanto, salienta-se a não superioridade de uma variante em relação à outra e que a existência de variantes como as da região Nordeste possui explicações de ordem sócio-histórica.

3 BREVE HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO NO NORDESTE

Ao se analisar a língua no Nordeste, na perspectiva da formação do português brasileiro, camadas de substrato linguístico são identificadas, contudo não amplamente estudadas. De acordo com Marroquim (1934), a diversidade dialetal da região Nordeste está relacionada às contribuições residuais de línguas indígenas e africanas, que se manifestam sobretudo no léxico, em termos referentes à flora, fauna e aos costumes. Além disso, o autor ressalta que a língua nordestina também apresenta contribuições do português arcaico. E para compreender a impregnação dos vestígios deste no falar brasileiro, particularmente na região Nordeste, faz-se necessário vislumbrar a história do Brasil, partindo de seu descobrimento.

Primeiramente, destaca-se que no século XVI, portugueses e espanhóis, impulsionados pelas promessas de riquezas em terras, para além da descoberta de um novo caminho para as Índias, adentraram no oceano almejando adquirir esses bens. As expedições proporcionaram à navegadores como Alonso de Ojeda, Vicente Yáñez Pinzón e Pedro Álvares Cabral uma chegada ao território sul-americano quase ao mesmo tempo. Em uma perspectiva cronológica, o período colonial no Brasil inicia-se em 1500, ano em que Pedro Álvares Cabral toma posse do país em nome do rei D. Manuel de Portugal. Inicialmente, o descobrimento de Cabral não recebeu uma ampla atenção da coroa portuguesa, pois essa estava atraída pelas riquezas da Índia. No entanto, por volta da metade do século XVI, o reino português já recebia pelos engenhos de açúcar em terras pernambucanas (MARROQUIM, 1934).

Nesse período colonial, a coroa portuguesa dividiu o Brasil em quinze capitanias hereditárias. Nas capitanias da região Sul/Sudeste, os colonizadores visavam o lucro a partir da escravização dos indígenas e da busca por metais preciosos. Já nas capitanias da região Nordeste, especificamente, em Pernambuco, o administrador colonial Duarte Coelho⁴ visava a expansão das suas terras e lucro através dos engenhos de açúcar.

Nota-se que Duarte Coelho tinha, de fato, planos para as terras pernambucanas. De acordo com Guaracy (2015), esse donatário diferenciava-se dos demais, pois não visava voltar a Portugal rapidamente. Ao se estabelecer na colônia com sua esposa, Brites, seu cunhado Jerônimo de Albuquerque, outros familiares, colonos e um grupo de burgueses do Alto Portugal, rapidamente buscou aliança com a aldeia Marim dos Caetés, considerada a mais forte da região. A partir dessa aliança, Coelho se fortaleceu militarmente e seguiu o próximo passo da administração colonial: iniciou a caça a escravizados, principalmente em tribos indígenas situadas mais ao sul:

Para tomar posse efetiva da capitania, nos primeiros anos combateu os tupis, destruindo a aldeia de Igarassu (“canoa grande”), ao norte de onde hoje se encontra a cidade de Recife. Ali plantou, em 1535, um marco de pedra, que dividiu as capitanias de Pernambuco e Itamaracá. E levantou uma igreja dedicada aos santos Cosme e Damião. (GUARACY, 2015, p. 92)

Destaca-se que, após observar a resistência dos indígenas, Duarte Coelho buscou adquirir outros escravizados para o trabalho na capitania, uma mão de obra que fosse menos selvagem e mais eficiente. Assim, o donatário importou escravizados da Angola, do Congo, da Guiné, e trouxe artesãos e técnicos da ilha da Madeira, para que construíssem os primeiros engenhos de açúcar na capitania. (GUARACY, 2015)

Sobre a administração das capitanias do Sul/Sudeste do país, ressalta-se que a busca por metais preciosos nessa região está relacionada ao fato de que o ouro e a prata adquiridos pela Espanha, a partir das colônias Peru e México, aguçaram a ambição de Dom João III. Entretanto, no Nordeste, o administrador colonial Duarte Coelho não atendia à solicitação do rei, pois dedicava-se à instauração dos engenhos e postergava as expedições sob vários pretextos. Para incentivar a plantação de cana de açúcar e de algodão, ele distribuía sesmarias⁵ aos seus colonos (MARROQUIM, 1934).

Essa espécie de desobediência de Duarte Coelho e dedicação no plantio de cana de açúcar foi positiva, pois Pernambuco, com seu solo fértil, apresentava resultados. Assim como Guaracy (2015) destaca, o Nordeste é uma região que possui o massapé, um granito decomposto, que se apresenta como um solo arenoso amplamente propício para a plantação de cana de açúcar:

Assim como acontecera na Madeira, a capitania de Pernambuco, na qual se espelharia todo o Nordeste, tornou-se um centro de produção com base no trabalho escravo negro. Em pouco tempo, reuniu sessenta engenhos, metade do que havia em todo o território colonial. Exportava o produto para Portugal, pagando 20% da receita em tributos à coroa. Surgiam os “senhores de engenho”, casta que imprimiu um modelo político e econômico ao Brasil colonial e formou um tipo de elite aristocrática com profunda influência no país e seu futuro. (GUARACY, 2015, p. 93)

⁴ “Segundo Varnhagen, ele era filho bastardo de Gonçalo Coelho com a plebeia Catarina Antes Duarte, e acompanhou o pai em 1503. Ganhou prestígio junto à corte no Oriente, desde a expedição à Índia de dom Fernando Coutinho, em 1506. Esteve na China e entre 1516 e 1517 foi embaixador português no Sião. Depois de enviá-lo novamente à Índia, em 1532, em 10 de março de 1534 a corte lhe deu a capitania de Nova Lusitânia, que compreendia toda a faixa onde hoje se encontram os estados de Pernambuco e Alagoas.”(GUARACY, 2015, p. 92)

⁵ Lotes de terras devolutas ou que deixaram de ser cultivadas, que os reis de Portugal concediam aos sesmeiros, para que esses as cultivassem (MICHAELIS, 2023)

Guaracy (2015) ainda relata que Duarte Coelho realizou explorações na bacia do rio São Francisco e elevou a povoação de Olinda ao status de Vila, em 12 de março de 1537. Assim, é perceptível que foi devido ao solo fértil e à eficiente administração de Duarte Coelho que Pernambuco cresceu economicamente. Em contrapartida à próspera capitania de Pernambuco, as demais entraram em declínio, com exceção de São Vicente (MARROQUIM, 1934).

Nota-se que a prioridade de Duarte Coelho era, de fato, os engenhos de açúcar, pois nem mesmo o pau-brasil, abundante em terras pernambucanas, despertava a sua cobiça. Nas diversas cartas enviadas ao rei Dom João III, esse administrador colonial reclamava dos navios que chegavam em Recife para o comércio do pau-brasil, pois eles distraíam os colonos que trabalhavam nos engenhos. Entretanto, em 1549, após inferir que suas reclamações não foram recebidas com atenção pela coroa portuguesa e perceber que não podia impedir esse comércio que atrapalhava o trabalho agrícola, Duarte buscou extrair algum benefício de tal comércio: solicitou a D. João III a exportação de trezentos mil quilos de pau-brasil por ano. (MARROQUIM, 1934)

Destaca-se também que as notícias do desenvolvimento da capitania se espalharam pelo território brasileiro, fazendo com que muitos colonos de outras regiões passassem a habitar as terras pernambucanas. Assim, por volta da metade do século XVI, um considerável número de europeus habitava Pernambuco.

Nesse mesmo período, metade do século XVI, a estadia de Duarte Coelho no Brasil termina. De acordo com Guaracy (2015), em 1554, esse donatário adoece, volta para Portugal, onde foi a óbito. Na capitania, a esposa de Duarte Coelho, Brites de Albuquerque e o cunhado, Jerônimo de Albuquerque, assumem a função de administradores coloniais. Seis anos depois, em 1560, os filhos do casal, Duarte Coelho Albuquerque e Jorge de Albuquerque Coelho, assumem o comando da capitania. Entretanto, em 1578, eles foram chamados para a armada de dom Sebastião I, se feriram na batalha de Alcácer-Quibir e não voltaram às terras brasileiras. Por essa razão, o filho de Jorge, Duarte de Albuquerque Coelho, tornou-se o administrador da capitania de Pernambuco. Nota-se uma continuidade no desenvolvimento dessa capitania a partir da administração do neto de Duarte Coelho, pois, por volta de 1580, existiam mais de vinte engenhos e açúcar em Olinda, nos quais trabalhavam de vinte a trinta colonos em cada um deles, além de quatro a cinco mil escravizados africanos. (MARROQUIM, 1934).

Ressalta-se que mesmo com notícias advindas da região sul sobre minas e ouro, Pernambuco manteve o foco nos trabalhos com os engenhos de açúcar e a criação de gado, que foram as grandes fontes do seu desenvolvimento. Esse desenvolvimento também é descrito pelo jesuíta Fernão Cardim, que esteve no Brasil Colônia em 1583, na função de secretário do padre-visitador. A partir das anotações desse jesuíta abordadas por Guaracy (2015), é possível destacar a existência de um conjunto de casas feitas de pedra, tijolo, cal e telha, uma igreja matriz e diversas capelas na capitania. Ressalta-se um total de sessenta e seis engenhos, nos quais eram produzidas 200 mil arrobas de açúcar, que eram transportadas para a metrópole anualmente. Além disso, é plausível destacar que dessa capitania emergiu uma nova aristocracia, pois os senhores de engenhos eram anfitriões de banquetes e suas esposas e filhos tinham as mais luxuosas vestiduras. Por essas razões, Fernão Cardim destacava que “[...] em Pernambuco se acha mais vaidade que em Lisboa [...]” (GUARACY, 2015, p. 240)

Em relação à língua, destaca-se que em razão à reduzida presença dos povos europeus nas outras capitanias, a língua geral era utilizada para a comunicação entre os povos. Em Pernambuco, dada à forte presença do colono, a língua portuguesa foi imposta aos indígenas e escravizados africanos:

Ligado ao solo, radicado na estabilidade das plantações, com o número sempre elevado de agregados e auxiliares reinóis, o senhor de engenho irradiava de uma maneira constante e sistemática, o elemento dominador do seu trabalho e de sua língua. (MARROQUIM, 1934, p. 133)

Ressalta-se que o encadeamento de engenhos de açúcar por toda a capitania assegurava o uso da língua portuguesa. Nas capitanias da região Sul/Sudeste, o português não tinha essa acentuada presença e não conseguia absorver o Tupi, pois o europeu realizava muitas explorações e não se fixava à terra. Somente algum tempo depois os portugueses estabeleceram-se no interior dessa região e, conseqüentemente, fixaram sua língua. Como resultado desse estabelecimento do português (sujeito e língua), o tupi foi absorvido (MARROQUIM, 1934).

Na metrópole, o cenário linguístico era outro e a língua portuguesa passava por mudanças bruscas. No século XVI, surgiram as primeiras gramáticas, como a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira, propiciando uma normatização da língua. Além disso, nesse mesmo período, o Renascimento italiano alastrava-se pela Europa, atingindo, assim, Portugal:

Esse movimento reformador da língua, movimento literário e que só aos poucos se iria infiltrando nas camadas populares, começou com Sá de Miranda, que chegava a Portugal em 1526, de volta da Itália, onde ao contacto do renascimento artístico, afeiçoará a ele seu espírito. (MARROQUIM, 1934, p. 135)

Desse modo, assim como Marroquim (1934) destaca, a língua portuguesa dos colonizadores que adentraram o território brasileiro a partir de 1500 e o povoaram não era aquela afetada pelo Renascimento, mas a arcaica. Era esse o português arcaico que falavam Duarte Coelho, sua família, os fidalgos e colonos que o acompanharam até o Brasil. Essa era a língua utilizada por grupos de pedreiros, ferreiros, marceneiros, artesãos e técnicos que se estabeleceram em Pernambuco para trabalhar nos engenhos de açúcar. Assim, quando os portugueses falantes da língua “atingida” pelo Renascimento chegam ao Brasil, deparam-se com uma massa populacional habitante do interior, nos engenhos e fazendas da região Nordeste. Esse povo isolado no interior transmitiu língua arcaica aos descendentes e a impôs aos indígenas e negros escravizados.

Destaca-se que muitos habitantes do litoral da região Nordeste acompanharam a evolução linguística que ocorria na metrópole, pois tinham um contato mais direto com essas novas massas migratórias e sofriam a influência das escolas. Em contrapartida, os colonos que estavam isolados nos engenhos de açúcar e fazendas preservaram a língua arcaica trazida pela primeira colonização, quando o português ainda não tinha sido atingido pela Renascença e pela da erudição greco-latina (MARROQUIM, 1934).

Portanto, é notória que essa habitação no interior, esse isolamento nos engenhos de açúcar, essa imposição da língua arcaica pelos colonos aos descendentes, indígenas e africanos escravizados neste período de colonização, trouxeram efeitos para o falar nordestino a longo prazo, pois os habitantes dessa região, principalmente do interior, conservaram resquícios arcaicos em seus dialetos, não só em nível lexical, mas em nível semântico, morfológico e sintático. Exemplos desse vestígio lexical arcaico no falar nordestino são termos como “dereito”, “fruta”, “fremosura”, “ingrês”, “deferença”, “despois”, “premêro” (MARROQUIM, 1934).

Assim, é possível inferir que o português nordestino apresenta heranças linguísticas do português arcaico em razão do contexto sócio-histórico do período colonial. Nesse sentido, é plausível destacar que uma variante linguística da região Nordeste não é uma desordem da

língua portuguesa, um erro em relação à variante padrão, uma “criação” dos habitantes da região, como alguns costumam propagar.

Ademais, em uma perspectiva investigativa, uma forma mais palpável de observar vestígios do português arcaico na língua nordestina é analisar textos escritos entre os séculos XIV e XV e comparar a sua terminologia a esse falar do Nordeste. Assim, na próxima etapa de pesquisa, desenvolve-se a comparação, em nível lexical, entre textos do português arcaico e o linguajar nordestino.

4 DESCRIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA: TEXTOS ARCAICOS E DADOS DAS ENTREVISTAS

O *corpus* desta pesquisa é composto pelos dados da pesquisa de campo e pelos textos *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950), especificamente, as edições produzidas pelos filólogos Bertil Maler e Augusto Magne, respectivamente.

O *Orto do Esposo* (1956) é uma documentação em prosa literária⁶. Escrita entre o final do século XIV e o início do século XV, sua autoria é atribuída a um anônimo monge português do mosteiro de Alcobaça. Sabe-se da existência de apenas dois manuscritos do “Orto do Esposo” e ambos estão na Biblioteca Nacional de Lisboa. Apresentam praticamente o mesmo texto, manifestando apenas algumas distinções de ordem ortográfica e fonética (MALER, 1956).

Em relação à temática, essa prosa literária tematiza a necessidade de renúncia dos bens terrenos e prazeres mundanos para que haja salvação e o indivíduo esteja apto à vida eterna. Destaca-se que os principais alvos desse manuscrito eram os monges, e por essa razão, o narrador realça a positividade do celibato e atribui à figura feminina um caráter desagradável e até mesmo demoníaco. Percebe-se uma insistência na utilidade de viver de forma solitária, livre do matrimônio, pois uma esposa traria perturbações, toda ordem de problemas, mas principalmente como agente que corrompe ou desvia os homens do caminho da salvação ou como parceira do diabo e, por esse motivo, sua companhia deveria ser evitada.

Em relação ao texto *Boosco Deleitoso* (1950), destaca-se que ele também é uma documentação em prosa literária e que possui algumas outras similaridades com *Orto do Esposo* (1956). Foi escrito entre os finais do século XIV e o início do século XV e a sua autoria é atribuída a um monge, também anônimo, do mosteiro de Alcobaça. Magne (1950) relata que, além dos estilos desses textos serem similares, é perceptível, em ambos, uma relação intertextual com “De vita solitaria”, de Francisco Petrarca. Essas semelhanças geraram especulações sobre o autor destes manuscritos possivelmente ser o mesmo monge. Entretanto, não há evidências que confirmem tais suposições.

Boosco Deleitoso (1950) também se assemelha ao *Orto do Esposo* (1956) em relação à quantidade de manuscritos: possivelmente existem apenas dois exemplares dessa obra. Um desses exemplares está na biblioteca nacional de Lisboa e está incompleto, pois não possui a página de rosto e o prefácio. O outro exemplar está localizado na livraria que foi do rei D. Manuel II (MAGNE, 1950)

Destaca-se também a proximidade temática entre os textos, pois em *Boosco Deleitoso* (1950) há esse enfoque nos benefícios da vida solitária, na necessidade da renúncia das riquezas e no distanciamento das tentações mundanas. Nessa prosa, o homem é colocado em um bosque, no qual reflete e arrepende-se dos seus pecados, tornando-se digno da salvação divina.

⁶ De acordo com Mattos e Silva (2005 apud MARCOTULIO, 2018), é possível dividir as fontes de estudo do português medieval em três grandes tipologias: documentação poética, documentação em prosa não literária e em prosa literária. A documentação em prosa literária surge no século XIV e abarca textos ficcionais, históricos, pragmáticos e religiosos.

Essa forte presença de temáticas voltadas para a renúncia aos bens materiais e “carnais” que os textos arcaicos apresentam está relacionada ao contexto sociopolítico dos séculos XIV e XV na Europa. Destaca-se que ambas as obras foram escritas na baixa Idade Média, um período conturbado da história, pois o sistema político vigente (feudalismo) estava deteriorado e a fome se alastrava pela população, devido à pandemia da Peste Negra. Nessa perspectiva, a sociedade passava por um período de crise em diversas esferas, incluindo a ética. Diante dessa decadência de valores e costumes, a influente Igreja Católica tentava reprimir os comportamentos que julgava serem inadequados à sociedade. Um dos recursos que a instituição cristã utilizava para essa repressão da “imoralidade” eram os textos doutrinadores, direcionados, principalmente, aos monges, como *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950).

Após esse destaque para aspectos como datação, autoria, enfoque temático e contexto de produção desses manuscritos, torna-se pertinente tecer alguns comentários sobre as edições. Em termos classificatórios, é possível destacar a existência de três tipos de edições filológicas: a diplomática/paleográfica, a semidiplomática e a modernizada. A primeira é uma transcrição que possui forte conservadorismo, pois mantém, através dos meios tipográficos, as formas dos manuscritos, sem refazer trechos ou palavras deterioradas pelo tempo ou “esquecidas” pelos copistas, assim como pontuação e diagramação. A segunda caracteriza-se pelo fato de o filólogo resguardar características dos textos originais, fazendo intervenções apenas em alguns aspectos; a terceira, a edição modernizada, caracteriza-se por apresentar uma ampla intervenção do filólogo, inclusive “atualizando” o português (MARCOTULIO, 2018). Nesse sentido, as edições de *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950) analisadas neste trabalho são semidiplomáticas, pois os editores transcrevem o texto como encontram-se nos manuscritos, mas realizando ajustes complementares.

Nota-se que, em *Orto do Esposo* (1956), por exemplo, o filólogo Bertil Maler restitui palavras, indicando, entre colchetes, os grafemas omissos no manuscrito original, como em “Jhesu he mel ãna boca e doce soo [m] ãna orelha” (MALER, 1950, p. 7). Algumas vezes, as restituições não são apenas grafemas, mas palavras, como é possível perceber ao iniciar-se a leitura do prólogo da edição. O editor, Maler, realizou esses ajustes a partir da leitura comparativa entre os dois manuscritos de *Orto do Esposo* (1956). Em *Boosco Deleitoso* (1950), essa comparação não ocorre, pois o filólogo Augusto Magne elabora os ajustes a partir da análise de um único manuscrito.

Ressalta-se também que, no período em que as obras foram produzidas, isto é, no final da Idade Média, a língua ainda não estava normatizada e os autores frequentemente escreviam os vocábulos em suas obras a partir dos sons que ouviram. Nesse sentido, textos como *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950) possuem uma escrita de forte caráter fonético, ou seja, uma escrita próxima da oralidade e, por esse motivo, essas obras foram selecionadas como *corpus* desta pesquisa.

Ademais, destaca-se que o léxico arcaico dessas prosas literárias religiosas será comparado aos falares de dois participantes da pesquisa de campo realizada neste trabalho. Entre as características dos participantes entrevistados, referidos neste trabalho como A. N., e V. C., destaca-se que residem no Cariri paraibano, especificamente em uma zona rural da cidade de Barra de Santana, possuem 81 e 82 anos, respectivamente, e têm ensino fundamental incompleto. As entrevistas abarcaram perguntas sobre a vida pessoal e escolar dos participantes. Assim, abordagens sobre suas infâncias, juventude e vida adulta foram feitas, o que possibilitou uma maior fluidez na conversa. Destaca-se que as gravações foram feitas com um celular, entre os dias 11 e 20 de maio, com a permissão dos participantes.

A seleção de participantes com essa faixa etária e com tal nível de escolaridade está relacionada ao fato de que eles fazem uso da língua, principalmente, a partir do que foi transmitido pela oralidade, resguardam particularidades semânticas, morfológicas, sintáticas

e, evidentemente, lexicais de gerações anteriores, pois não tiveram uma completa influência escolar. Além disso, os idosos tendem a manter uma linguagem que os mais jovens já não utilizam. Assim, suas falas são ricas fontes de análise da hipótese defendida neste trabalho: a permanência de vestígios do português arcaico na língua do Nordeste.

5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS CORPORA

Nessa análise comparativa entre os léxicos presentes nos textos arcaicos *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950) e os dados coletados na pesquisa de campo, serão expostos trechos dessas obras e das entrevistas realizadas. Ao total, foram analisados catorze vocábulos em compatibilidade: *alevantar*, *alinpar/alimpar*, *ajuntava*, *alumea/alumiar/alumiava*, *asseentado/assentada*, *buliçosos/buliçoso*, *derradeyra/derradeira*, *queentura/quentura*, *donde*, *fastio*, *naceu*, *minino*, *pidir* e *milhor*. Os vocábulos supracitados manifestam apenas algumas distinções gráficas, de flexão de gênero e número. Entretanto, essas particularidades não deturpam a análise comparativa. Ademais, destaca-se que nesse processo comparativo serão realizados apontamentos etimológicos e semânticos acerca dos vocábulos. Para isso, esse tópico do trabalho estará alicerçado às contribuições de Nascentes (1955), Machado Filho (2019), além de Marroquim (1934), que discute a língua portuguesa na região Nordeste.

5.1 Verbos protéticos de primeira conjugação

Quadro 1 - *alevantar* e *alinpar/alimpar*

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistada A.N.	<i>Orto do Esposo</i> (1956)	Entrevistada A.N.
Irmaão, cree tu a mi que nom é cousa de pouca fiúza prometer ajuda aos que lidam e andam em contenda, [...] e mostrar o caminho aos errados someter os ombros aos que caaem, pera alevantar , e dar a mão aos derribados pera os erguer. (MAGNE, 1950, p. 80-81)	O médico disse que quando ela começasse a andar, não era pra alevantar ela toda hora não, ela tinha que fazer força nas perna [...]	E porê diz o abade Casyano que o mōge que quer e cobiiça chegar ao cõnhecimêto das Scripturas, deue poer toda a jndustria da sua mête e a entençom do coraçom pera alinpar os vicios e os peccados carnaaes,[...] (MALER, 1956, p. 56)	Trabalhei um <i>poquin</i> , mas trabalhei muito pouco minha <i>fia</i> ... às vez ia alimpar uns <i>matinho</i> e largava [...]

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

No quadro acima, nota-se, primeiramente, a ocorrência do verbo *alevantar* no fragmento do texto arcaico e da entrevista. Tanto *alevantar* como *levantar* são verbos que se encontram dicionarizados, portanto representam formas legítimas, variantes com mesmo

sentido e conjugação. De acordo com Machado Filho (2019) esses verbos são oriundos do latim *levantare* e denotam a ação de erguer, pôr em pé. Entretanto, a forma *alevantar*, com prótese⁷ do “a”, reproduz um fenômeno recorrente, principalmente em verbos de primeira conjugação, tornando-se uma forma estigmatizada, considerada pelo senso comum como “errada” e/ou utilizada principalmente por um estrato social hierarquicamente inferior e/ou com baixa renda e nível de escolaridade.

No quadro acima, também há a ocorrência das formas *alinpar* e *alimpar*, denotando a ação de tornar limpo, remover sujeiras (MACHADO FILHO, 2019). Ao analisá-las, nota-se uma igualdade na prótese do “a” e também na fonética. Tanto *alimpar* como *limpar* são verbos dicionarizados, possuem o mesmo sentido, mas, assim como *alevantar*, *alimpar* é uma forma estigmatizada, pois alguns consideram o seu uso um “erro” cometido por pessoas de estrato social e nível de escolaridade mais baixos. Entretanto, há ocorrência desses vocábulos nos textos arcaicos do *corpus* de pesquisa, assim como na epopeia classicista *Os Lusíadas*⁸, indicando a não pertinência de caracterizar os seus usos como “erros”.

Quadro 2 - ajuntava

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistado V. C.
[...] vós fezestes êrmo e apartamento em na cidade de Roma, por tal que em aquelas casas e paaços em que o pôboo se ajuntava pera honrar e servir vossos avoos, em aquêles lugares vós soo servíssedes ao Nosso Senhor Deus. (MAGNE, 1950, p. 198)	Ajuntava muitas [pessoas]... muita gente ia.

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Em uma perspectiva semântica, Machado Filho (2019) explicita que *ajuntar* significa *unir*, *reunir*, ou seja, esse verbo denota o ato de junção/reunião de algo ou alguém. O verbo *ajuntar*, assim como *juntar*, encontra-se dicionarizado, mas é “reprovado” pelo senso comum. No quadro acima, tem-se a forma *ajuntava* (flexão do verbo *ajuntar*) no fragmento do texto arcaico e no trecho da entrevista. Em ambos, o vocábulo transmite o mesmo sentido: reunia-se o povo/reuniam-se pessoas.

Assim, nota-se que o entrevistado V. C. não faz uso do verbo *juntava*, mas da forma que se encontra no texto arcaico pesquisado, *ajuntava*. Esse uso denota que nos textos dos séculos XIV e XV analisados, o uso de verbos de primeira conjugação com prótese do “a” eram usuais, inclusive nos séculos seguintes, como atesta Camões em *Os Lusíadas*⁹.

Quadro 3 - alumea/alumiar/alumiava

<i>Orto do Esposo</i> (1956)	<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistado V. C.
E porem diz o salmista: Senhor Deus, a	Ca, se quiseres fazer pependença, acharás	Não, não tinha não ... tinha... alumiava com candieiro.

⁷ Prótese é a adição de um fonema no início de um vocábulo.

⁸ Para discutir a não pertinência de denominar vocábulos com prótese como erros, Bagno (2006) explicita a existência desses vocábulos em *Os Lusíadas*: “Alevantando o rosto assim dizia”[...] “Alimpamos as naus, que dos caminhos” (BAGNO, 2006, p. 119)

⁹ “[...] Vinham as claras águas ajuntar-se [...]” (BAGNO, 2006, p. 119)

declaração das tuas palauras alumea e da entedimêto aos paruoos. (MALER, 1956, p. 46)	perdoança pola piadade de Jesu Cristo, que espargeu o seu sangue polos teus pecados, e êle tôda a celestial côrte faróm grande festa com a peendença, e prestes é sempre pera te alumiar e receber (MAGNE, 1950, p. 35)	
--	--	--

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

No quadro acima, percebe-se que os trechos das obras arcaicas possuem formas com distinções gráficas: *alumea* (verbo *alumear* flexionado) e *alumiar*. Essas diferenciações possuem explicações etimológicas. De acordo com Machado Filho (2019), *alumear*, que também pode apresentar a forma *alomear*, advém do latim vulgar *alluminare* (do latim *lumen, -inis*). *Alumiar*, segundo Nascentes (1955), originou-se do latim *illuminare*. As distinções são apenas de ordem gráfica e etimológica, pois *alomear* e *alumiar* possuem o mesmo significado: tornar claro. No trecho da entrevista, surge a forma *alumiava* (flexão do verbo *alumiar*), com prótese do “a”, assim como as formas dos textos arcaicos supracitados. Portanto, a variante protética dos verbos de 1ª conjugação pode indicar a preservação de formas arcaicas, particularmente na região pesquisada.

Quadro 4 - asseentado/assentada

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistada A. N.
E porém o Senhor Deus outorgou a mi, quando vivia em a mizquindade dêste mundo, que muitas vêzes siia asseentado a êstes dous pees de Jesu Cristo, e ora abraçava uñ dêles, e ora abraçava o outro com tôda devaçom, quanto a bondade do Senhor me outorgava. (MAGNE, 1950, p. 274)	[...] Mas não tinha o direito de sentar, pra ficar assentada ... pegava a enxada de novo.

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Destaca-se que *asseentado* é participio do verbo *assentar*. De acordo com Machado Filho (2019), esse verbo advém do latim vulgar *adsentare* (do latim *sedere*). A partir da análise do quadro acima, é perceptível que o vocábulo *assentado* presente em *Boosco Deleitoso* (1950) e *assentada* presente na fala da entrevistada manifestam uma compatibilidade na prótese do “a” e apresentam apenas diferenças de gênero (a primeira forma está no masculino e a segunda no feminino) e uma duplicação do “e” no trecho de *Boosco Deleitoso* (1950), inexistente na transcrição da fala da entrevistada A.N. A duplicação da vogais, muito comum no português arcaico, sofre um processo de mudança fonética denominado, pela gramática histórica, crase¹⁰. Assim, esse uso com a prótese do “a”

¹⁰ Crase é a união de dois fonemas vocálicos iguais.

presente na variante da entrevistada A.N. remete a uma característica fonética presente no português arcaico.

5.2 Formações sufixais populares

Quadro 5 - buliçosos/buliçoso

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistado V. C.
E porém êstes taaes, que vivem em nos negócios do mundo, ora som tristes, ora som ledos; ora som homildosos, ora sobervosos; ora som assessegados, ora som buliçosos e ora movediços come moços; (MAGNE, 1950, p. 157)	Ah, era muito buliçoso ... mexia na geladeira, no armário [...]

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Destaca-se que o adjetivo *buliçoso* deriva a partir do substantivo comum *bulício*, adicionado ao sufixo "oso" e denota agitação/inquietação. Nesse sentido, atribuir a característica de *buliçoso* a alguém significa dizer que tal pessoa é *agitada*. No quadro acima, nota-se a ocorrência do adjetivo *buliçosos* no fragmento da obra arcaico, e *buliçoso* no trecho do falar do entrevistado, atribuindo a alguém a característica de agitado. Desse modo, manifestam-se diferenças apenas na flexão de número nessas formas, pois explicita-se uma compatibilidade semântica. Assim, a existência desse vocábulo na fala do entrevistado pode representar uma herança do português arcaico.

Quadro 6 - derradeyra/derradeira

<i>Orto do Esposo</i> (1956)	Entrevistado V. C.
[...] Esta derradeyra uaydade he cõtada por pena ao homẽ tan solamẽte. (MALER, 1956, p. 107)	[...] Ah, fui muitas, fui <i>Tófi</i> Otoni, fui em Nova Era [...] A derradeira foi Unai, Minas Gerais.

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

No quadro acima, observa-se ocorrências do vocábulo *derradeiro* flexionado no gênero feminino: *derradeyra/derradeira*. De acordo com Nascentes (1955), esse vocábulo originou-se do latim *derretrariu*, e significa último(a). No texto arcaico, o vocábulo é utilizado para denotar uma última “vaidade” e no trecho da entrevista para indicar a última cidade na qual o entrevistado V. C. trabalhou, quando morava em Minas Gerais. Desse modo, é perceptível que os trechos acima apresentam apenas uma diferença gráfica, pois *Orto do Esposo* (1956) grafava “y” na posição de semivogal, mas o sentido do termo nesses fragmentos permanece o mesmo. Assim, a preferência popular atual pelo uso da palavra *último* denota que o vocábulo *derradeiro* singulariza um uso mais restrito, que se encontra no limite entre aquilo que é erudito, no sentido da sua aplicação em textos escritos (literários, jurídicos etc), e o uso oral da variante regional não-padrão nordestina.

Quadro 7- queentura/quentura

<i>Orto do Esposo</i> (1956)	Entrevistado V. C.
------------------------------	--------------------

E outros ha ã Ethiopia que andã curuos asy como os gaados e nõ podẽ leuãtar os corpos direytos pera cima, e som chamados arbiticos, e outros que nõ tẽẽ mais que hũũ pee tã grande, que, quando jazem sobinhos aa queentura do sol, [...] (MALER, 1956, p. 101)	Sempre trabalhava o dia todo, é... a parte da manhã, depois à tarde trabalhava novamente... é no sol quente, quentura .
--	--

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

O vocábulo *queentura*, de acordo com Nascentes (1955) advém do latim *calentura* e significa *quente*. Machado Filho (2019) explicita a possibilidade desse vocábulo advir do espanhol, *calentura*. No quadro acima, percebe-se a forma *queentura* no trecho de *Orto do Esposo* (1956) e *quentura*, no fragmento da entrevista. Desse modo, é notória uma diferença mínima na grafia das formas, pois no texto arcaico apresenta-se uma duplicação da vogal “e”, enquanto na transcrição da entrevista essa duplicação é inexistente. Na grafia arcaica, há o indício de que houve a síncope da consoante medial intervocálica “l”, formando a repetição do “ee”, que posteriormente se fundem (crase). Em nível semântico, o sentido do termo em ambos os trechos é o mesmo, uma vez que estão denotando o estado do sol: quente. Assim, a presença desse vocábulo no falar do entrevistado remete a uma preferência popular presente nos textos arcaicos estudados.

5.3 Arcaísmo ou brasileirismo? Traços fonéticos aproximativos e outras questões

Quadro 8 - donde

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistada A.N.
[...] Entom eu, mui triste e coitado, fiquei mui sem confôrto e estive em ponto de me tornar donde saíra. (MAGNE, 1950, p. 13)	Sim, cê tá falando donde eu morava... Eu era nova, novinha <i>mermo</i> [...]

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

De um ponto de vista etimológico, o vocábulo *onde* advém do latim *unde* (NASCENTES, 1955). A forma *donde* é uma contração da preposição *de* com o advérbio *onde*, que pode significar “procedência, origem, além de estado” (MACHADO FILHO, 2019, p. 209). No quadro acima, há a ocorrência do vocábulo *donde* no texto arcaico e no trecho da entrevista, apresentando o mesmo sentido: indicam procedência, origem. Assim, o uso desse termo na fala da entrevistada mantém-se idêntico à utilização no português arcaico.

Destaca-se também que, além de *donde*, muitos falantes da região Nordeste fazem uso de formas como *aonde* e *adonde*¹¹, que possuem a prótese do “a” (MARROQUIM, 1934).

Quadro 9 - fastio

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistado V. C.
Ali é luz sem desfalecimento, prazer sem gimido, desejo sem pena, amor sem	Ah, eles não tinha fastio não [...] comia feijão, jerimum, batata [...]

¹¹ Para a formação de *adonde*, Marroquim (1934) discorre que há uma junção de *onde*, *aonde* e *donde*.

tristeza, fartura sem fastio , saúde sem vício, vida sem morte, vigor sem fraqueza. Ali todos ham uñ prazer uña caridade. (MAGNE, 1950, p. 341)	
--	--

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

De acordo com Nascentes (1955), *fastio* é um vocábulo que se originou do latim vulgar *fastidui* oriundo do acusativo *fatidium* e é utilizado para abordar-se a falta de apetite. No quadro em destaque, esse vocábulo se faz presente no fragmento do texto medieval e da entrevista, não apresentando distinção gráfica e nem diferença de sentido. Ressalta-se que muitos falantes nordestinos tendem, de fato, a utilizar o vocábulo *fastio* ao invés da expressão *falta de apetite*, pois frequentemente utilizam o adjetivo *fastioso* para caracterizar alguém que está sem fome. Assim, a presença do vocábulo *fastio* no falar do entrevistado remete a uma preferência popular presente no texto arcaico supracitado.

Quadro 10 - naceu

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistada A.N.
[...] e em êsse meesmo lugar se apartou aquela nobre molher santa e piadosa, Paula de Roma, que, em no seu tempo, foi espelho de virtude a tôdas as mulheres, e esqueceu-se da terra u fora nacida, por tal que podesse morrer a-par do presepe u naceu o Senhor, como quer que nom faleceu quem mordesse a sua vida com dente de enveja [...] (MAGNE, 1950, p. 195)	<i>Naceu</i> F., a primeira foi F. naceu , o resto foi <i>homi</i> .

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

No quadro, a flexão do verbo *nascer*, *nasceu*, encontra-se grafada *naceu*. Esse verbo originou-se do latim *nascere* que, em uma perspectiva semântica, significa “começar a viver; originar-se; surgir.” (MACHADO FILHO, 2019, p. 442). Sobre essa ausência de “s” no trecho de *Boosco Deleitoso* (1950), é plausível destacar que o português arcaico não grafa *sc*, mas *c*, pois além de *nacer*, nota-se a existência de formas como *nacida*, presente no trecho supracitado de *Boosco Deleitoso* (1950) e a forma *dicípulo*, como destaca Marroquim (1934).

Sabe-se que a escrita dos textos arcaicos era alicerçada à fonética, ou seja, os escritores reproduziam os vocábulos nas obras a partir do que ouviam. Nesse sentido, esse não uso do *sc* no período do português medieval não era apenas uma questão gráfica, mas de pronúncia. No testemunho coletado no interior de Barra de Santana, há a predominância dessa característica fonética.

Destaca-se que palavras com os grafemas “sc” no português contemporâneo, que representam um único som, como “nacer”, “crescer”, “descer”, possuíam no português arcaico as formas grafemáticas “nacer”, “crecer”, “decer” e uma sonoridade africada. De forma geral, o português brasileiro pronuncia, nestes casos, o som fricativo de símbolo fonética [s], portanto uma herança aproximativa do português arcaico. Já no português europeu, a variante predominante para esse som fricativo seria “nacher”, “crecher” e “decher”. A possibilidade de futura mudança ortográfica reduziria o aparente dígrafo “sc” a uma única

letra representando um único fonema, como ocorre nos textos arcaicos, aproximando portanto, ao menos na perspectiva ortográfica, as variantes de Portugal e do Brasil.

Quadro 11 - minino

<i>Orto do Esposo</i> (1956)	Entrevistada A.N.
E o bispo ficou muy ledro e, depois que o minino foy crecido, tomou-o ã sua cõpanhia e foy depois sabedor e onesto, [...] (MALER, 1956, p. 322)	Eu comprava seu, em F., eu ainda me lembro. Eu chegava lá, ia fazer feira e seu F. tava se balançando assim, assim na sala, na área... Eu dizia, seu F. o senhor não vai me despachar não? [...] Ele disse <i>mai</i> tá tão bom aqui, me balançando... [eu dizia] eu tô com pressa, deixei os minino sozin [...]

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Em relação ao vocábulo *menino*, destaca-se que há algumas incertezas em relação a sua origem. Alguns estudiosos relatam que advém do latim *minimu* (*mínimo*), mas outros discorrem sobre sua origem estar alicerçada ao espanhol, *mininõ* (NASCENTES, 1955).

No quadro acima, nota-se que *menino* se encontra grafado com a forma *minino* no trecho de *Orto do Esposo* (1956) e no fragmento da fala da entrevistada, quando ela se refere aos seus filhos. Nesse sentido, destaca-se a ocorrência do fenômeno chamado alçamento, isto é, o fonema /e/ com som de /i/ em posição átona, antes da sílaba tônica. Assim, a presença da forma *minino* na fala da entrevistada remete a uma característica fonética presente no português antigo.

Quadro 12 - pidir

<i>Boosco Deleitoso</i> (1950)	Entrevistada A.N.
E se o irmão te pidir alguñ livro pera leer ou alguña outra cousa pera seu uso, e tu fores porém triste ou lha nom quiseses emprestar, nom é dúvida que ainda tu estás prêso com laços da avareza. (MAGNE, 1950, p. 255)	Nesse tempo, os pai dizia quando as <i>fia</i> fosse pro baile, não era pra chegar lá, entrar na dança não, tinha que pidir aos pai pra puder dançar [...]

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

Nascentes (1955) e Machado Filho (2019) coincidem ao afirmarem que o verbo *pedir* advém do latim *petere*, denotando a ação de solicitar algo (MACHADO FILHO, 2019). No quadro acima, nota-se, primeiramente, a ocorrência da forma *pidir* no *Boosco Deleitoso* (1950) e, posteriormente, no fragmento da entrevista com a participante A.N. Destaca-se que na fala de muitos nordestinos, o alçamento, esse /e/ pretônico apresentando som de /i/, é um fenômeno que pode ser observado em outras formas, como *piqueno* (MARROQUIM, 1934). Nesse sentido, percebe-se que o uso de *pidir* na pronúncia da entrevistada mantém uma coincidência fonética com o uso arcaico.

Quadro 13 - melhor

<i>Orto do Esposo</i> (1956)	Entrevistada A.N.
Onde diz hũũ filosafo, que auia nome Permenides, que morou per quinze ãnos ã hũa pena do Egipto pera pode milhor uaguar aa contêplaçom da filosofia. (MALER, 1956, p. 53)	Aí, eu fui visitando um <i>bucado</i> de vez mais L...Aí foi, uma vez ela já tava bem milhor [...]

Fonte: elaborada pelo autor, 2023.

De um ponto de vista etimológico, Nascentes (1955), no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, denota que *melhor* tem sua origem no latim *meliore*. No trecho de *Orto do Esposo* (1956) explicitado no quadro acima, é notório que o vocábulo *melhor* está grafado com a forma *milhor*. No fragmento da entrevista percebe-se que, assim como *pidir*, a participante da pesquisa de campo no interior de Barra de Santana não utiliza *melhor*, com som de “e”, mas a forma *milhor*, com som de “i”. Desse modo, a presença da forma *milhor* na fala da entrevistada remete a uma característica fonética presente no português arcaico.

Marroquim (1934) ainda relata que há um outro uso na língua do nordestino, derivado de *milhor*: *mió*. Essa forma surge através do fenômeno fonético da despalatização, que ocorre em inúmeras palavras do português nordestino, a exemplo de *pareia* ao invés *parelha*. Em *mió*, percebe-se uma simplificação na pronúncia, a partir da síncope¹² do “lh” e apócope¹³ do “r”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi discutido no terceiro tópico deste trabalho, denominado *Breve história do português brasileiro no Nordeste*, é perceptível que no processo de colonização das terras brasileiras ocorreu um isolamento dos portugueses nos engenhos de açúcar, no interior da região Nordeste. Essa massa populacional habitante do interior transmitiu o português arcaico aos descendentes e o impôs aos indígenas e negros escravizados. Por essa razão, resquícios dessa língua arcaica ainda podem ser observados na fala de habitantes dessa região.

A partir da análise comparativa dos catorze vocábulos, foi possível perceber que itens lexicais do português arcaico surgiram na fala dos participantes A. N. e V. C., moradores de uma zona rural da cidade Barra de Santana, na Paraíba. Especificamente, as formas *alimpar*, *alevantar*, *alumiar*, *ajuntava*, *assentada*, *buliçoso*, *derradeira*, *donde*, *fastio*, *naceu*, *pidir*, *milhor*, *minino* e *quentura* foram utilizadas pelos entrevistados e também surgem nos textos arcaicos *Orto do Esposo* (1956) e *Boosco Deleitoso* (1950). Além disso, essas formas com a prótese do “a” também se manifestam em uma das mais importantes obras literárias da língua portuguesa, *Os Lusíadas*. Nesse sentido, o uso desses vocábulos não deve ser considerado uma invenção ou equívoco cometido por esses falantes, pois remetem a fases anteriores da língua portuguesa. Assim como Bagno (2006, p. 119) denota, “[...] esses supostos “erros” são heranças muito antigas, vestígios de outros tempos, verdadeiros “fósseis” linguísticos. Eles recebem o nome técnico de arcaísmos”.

Em relação à pronúncia do “sc” com um sibilante em *naceu* e do fonema /e/ como /i/ (alçamento) em *minino*, *pidir*, *milhor* encontradas na fala dos entrevistados, é possível destacar que os falantes do português brasileiro, de forma geral, tendem a manifestar essas pronúncias. Cohen et al. (1997) explicita que na fala mineira é notória a existência de formas

¹² A síncope refere-se à supressão de fonema(s) dentro de um vocábulo.

¹³ A apócope refere-se à supressão de fonema(s) no fim de um vocábulo.

como “freguezia” e “friguizia”, manifestando uma alternância do fonema /e/ e /i/ e que esse fenômeno denota vestígios do português antigo: “Esses dados, datados, localizados e identificados como arcaísmos, certamente contribuirão para um melhor entendimento do processo histórico que envolve o alçamento das pretônicas” (COHEN et al., 1997, p. 86). Entretanto, a partir dos dados da pesquisa realizada neste trabalho, é válido ressaltar que na região Nordeste há um uso mais constante dessas pronúncias, que marcam por vezes a fala do nordestino, particularmente o do interior.

Nesse sentido, ressalta-se a não pertinência dos discursos permeados de preconceitos linguísticos em relação às variantes da população nordestina, pois disseminá-los é não considerar ou até mesmo negar a história dessa região no período colonial e as heranças linguísticas deixadas nessas terras.

Em uma perspectiva educacional, é notória a importância do professor de português nesse combate ao preconceito linguístico, a partir da abordagem das variantes não privilegiadas em sala de aula. Evidentemente, a discussão dessas variantes desprivilegiadas em sala de aula não significa a exclusão da norma padrão. Assim como Ilari e Basso (2021) destacam, é fundamental que os alunos dominem a norma padrão, pois a maioria dos textos que os discentes precisam ler para que possam exercer sua cidadania de forma plena foram escritos nessa variante. Portanto, um ensino de português que omite a norma padrão distanciará muitos alunos de oportunidades, principalmente profissionais, e os deixaria vulneráveis a situações de exclusão.

Nesse sentido, o que está em discussão não é a exclusão da norma culta, mas a inclusão das variantes linguísticas desprivilegiadas nas aulas. Ressalta-se que essas variantes, para o senso comum, são erros cometidos principalmente por um estrato social hierarquicamente inferior e/ou com baixa renda e escolaridade. Falantes mais conservadores tendem a afirmar que a língua portuguesa é difícil e não é “qualquer um” que sabe falá-la. Nesse sentido, o professor de português deve desmistificar esses discursos e, desse modo, contribuir para que os alunos não os reproduzam. Assim como Ilari e Basso (2021) denotam, “um professor de língua materna é por definição alguém que percebe a carga ideológica presente nessas crenças e entende a importância de denunciá-las” (ILARI; BASSO, 2021, p. 235).

Portanto, o professor de português pode denunciar essas crenças e propagar a tolerância a partir da discussão de que as variantes linguísticas são formas de manifestação da língua. Destacar que em cada momento da histórica, uma variante é estabelecida como a padrão e outra como a não-padrão, pois vocábulos que fazem parte da variante desprestigiada contemporaneamente, já foram integrantes da variante prestigiada anteriormente. Ressaltar que vocábulos como *alevantar*, *alimpar*, *ajuntava*, *alumiava*, *assentada*, *buliçoso*, *derradeira*, *quentura*, *donde*, *fastio*, *naceu*, *minino*, *pidir* e *milhor* fazem parte de variantes linguísticas da região Nordeste, não são “erros” e sua presença na fala de muitas pessoas possui explicações históricas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A Língua de Eulália**: novela sociolinguística. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz et al. **Introdução à Linguística I**: Objetos teóricos. Contexto, 2003. p. 141-163.

COHEN, Maria Antonieta Amarante de M. et al. Filologia bandeirante. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 1, p. 79-94, 1997.

GUARACY, Thales. **A conquista do Brasil:** como um caçador de homens, um padre gago e um exército exterminador transformaram a terra inóspita dos primeiros viajantes no maior país da América Latina. 1.ed. São Paulo: Planeta, 2015.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente:** a língua que estudamos a língua que falamos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Novo dicionário do português arcaico ou medieval.** 2.ed. Independently published, 2019.

MAGNE, Augusto. **Boosco Deleitoso.** Ed. Crítica. Rio de Janeiro: INL, 1950.

MALER, Bertil. **Orto do Esposo.** Ed. Crítica. Rio de Janeiro: INL, 1956.

MARCOTULIO, Leonardo Lennertz et al. **Filologia, história e língua:** olhares sobre o português medieval. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2018.

MARROQUIM, Mário. **Língua do Nordeste.** Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1934.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística [livro eletrônico]:** uma abordagem baseada no uso. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, 1955.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** Apresentação de Carlos Faraco. Tradução, notas e posfácio de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2021.

SESMARIA. In: MICHAELIS. Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2022. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sesmaria/>. Acesso em: 04 mai. 2023.